

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

A FILHA DE TCHANG

(LENDA COREANA)

No 4.º dia da 8.ª lua, um ministro de Estado, Tchang, mandou buscar uma filha e disse-lhe: Minha filha, um camponez tem uma boa colheita, deve elle guardal-a para si ou dal-a a algum de seus visinhos ou amigos?—Ella respondeu: Para que me fazeis tal pergunta, pae? Elle deve guardal-a para si e para sua familia.—Pois bem, pronunciate a tua sentença, porque tu és a minha colheita, o meu fructo e só a mim pertencerás. E ella tornou-se uma mulher e no auge do desespero suicidou-se.

Sobreveio depois na Coréa uma grande secca, e apesar de todos os sacrificios effectuados pelo soberano e prescriptos em todo o paiz, o ceo continuava de bronze e morreu muita gente de fome. Então o rei convidou todos os funcionarios a juntar-se-lhe para deliberarem—e o sol brilhava como fogo—e por isso quando o ministro Tchang se apresentou no conselho, causou a todos enorme espanto ver-lhe o chapeo coberto de branco orvalhado. O rei fel-o prender, e interrogado, confessou no meio das torturas, que era o marido de sua filha. Foi portanto condemnado a ser cortado em pedaços, e desde então poz-se a sua effigie nos mar-

cos das estradas para servir de exemplo ao povo.

ADAGIOS POPULARES

Agua de janeiro todo o anno tem concerto.

Agua de fevereiro, mata o onzeneiro.

Em março nem o rabo de gato molhado.

Sol de março pega como pega-maço e fere como maço.

Agua de março, peor é que no-doa no pão.

Se queres bom cabaço, semeia em março.

Março ventoso, abril chuvoso, do bom colmeal farão astroso.

Quando tropeja em março, apparelha os cabos e o braço.

Se não chover entre março e abril venderá el-rei o carro e o carril.

Agua de março, peor é que agua no fato.

—Março marçagão, pela manhã cara de bom verão, e á tarde cara de cão.

—Em março tanto durmo como faço.

—Março marcegão, cura meadas e esteiras não.

—Antes a estopa de abril, do que o linho de março.

Quem poda em março, viadima

no regaço.

Março marceção, pela manhã rosto de cão, á tarde verão.

Em março queima a velha o maço.

Abril, aguas mil, escoadas para um mantil (ou mandil.)

Abril molinhoso faz o anno formoso.

Abril, queimou a velha a canga e canzil.

Abril, vae a velha onde tem d'ir, e a sua casa vem dormir.

Abril, anda a perdiz no carril.

Rez perdida em abril, gorda vem ao redil.

Borrego nascido em abril, não vale um ceutil.

Cuco que não veio em abril, está doente ou não quer vir.

Guarda pão para maio e lenha para abril.

Abril frio e molhado, enche o celleiro e farta o gado.

Do grão te sei contar, que em Abril não ha de estar nascido, nem por semear.

A ti chove todo o anno, e a mim chove abril e maio.

Abril frio, pão e vinho.

Alguns pensamentos e dictados francezes ácerca do tempo no corrente mez de maio:

Repara com attenção

No dia que se segue ao da Ascenção.

Se o dia estiver sereno,

É porque Deus nos dá um anno ameno.

Porém se estiver chuvoso

É signal certo d'anno lastimoso

Come agora pouca assorda

Que é n'este mez que se engorda
Agora tambem alguns portuguezes:

Uma agua de maio

Tres aguas d'abril

Valem bem por mil

Dà o enxame de maio

Se acaso alguem t'o pedir;

Para ti guarda o d'abril.

—MAIAR O GADO.—Ao romper da aurora do 1.º de maio costumam os habitantes d'alguns povos pendurar nas padieiras dos curraes dos bois, porcos, ovelhas, etc. ramos de carvalho, tojo, e outros arbustos, a fim de obstar em aos estragos que este mez costuma fazer nos gados.

Chamam a isto «maiar o gado».

O mez de Junho

E' o sexto mez do anno, segundo a chronologia de Cezar, e era o quarto, segundo a contagem de Romulo.

Este mez tem o seu nome, segundo uns, da deusa Juno, a quem era dedicado, segundo outros do «juniores» (rapazes) a quem esta mez era offerecido, e segundo ainda outros de Junio Bruto, por ser n'este mez em que os Tarquinius foram expulsos de Roma, devido aos discursos de Junio Bruto, que foi effectivamente o fundador da republica. Se esta ultima versão é verdadeira, ha a notar uma circumstancia e é que junho dedicado ao fundador da republica seja logo seguido de julho dedicado a Julio Cesar, o destruidor da mesma republica.

Conforme o kalendario rustico, relativo aos mezes do anno, este mez

presta-se a grandes joizos.

E' assim que:

Em junho, fouce em punho.

Maior pardo, junho claro.

Feno alto ou baixo, em junho é legado.

Di' ade S. Barnabè secca-se a palha pelo pé.

Aguas pelo S. João tiram vinho dão azeite e não pão.

Em dia de S. Pedro vê teu olivedo, e se vires um grão espera por um cento.

Até S. Pedro tem o vinho medo.

Dia de S. Pedro tapa rego.

Junho, julho e agosto, senhores, não sou vosso.

São estes os principaes anexins, adagios, proverbios ou parvónias respeitantes a este mez, e que devemos mais ou menos respeitar, porque são o resultado da experiencia dos povos da mais longa data.

Entre os povos primitivos era costume fazer collecção d'estes proverbios, por isso encontramos no «Antigo Testamento» o livro dos «Proverbios». N'alguns paizes estes proverbios eram escriptos nas paredes das casas particulares, e tão respeitaveis eram, que conhecê-los e saber comprehender a sua significação equivalia a ser um sabio. Por isso dizia Platão que para se ser sabio bastava comprehender os proverbios inscriptos nas paredes dos predios do seu paiz.

Hoje não têm já o mesmo valor, ainda assim vemol-os citar a cada passo pelos nossos lavradores.



CANTIGAS POPULARES DO DOURO

Recolhidas da tradição por

José B. d'Abreu Gouveia

(Continuação)

169

Quem me dera um cachinho
De videira que eu podar,
Para dar ao meu amor,
Que tornou a renovar.

170

Caçador atira, atira,
A' pomba que anda na eira;
Ah! ladrão, que a matastes,
Já não póde ser freira.

171

Heide atar o meu cabello
Com uma fita verde-mar;
Se me chamardes tafulla,
Mais tafulla hei-de andar.

172

Quando te vi logo disse,
Lindo corpinho p'ra amar,
Linda boca, p'ra dar beijos
Lindos olhos p'ra acenar.

173

Quando eu aqui cheguei,
Deitei os olhos e vi
Meu amor nos braços d'outro;
Nem sei como não morri.

174

Oliveiras, oliveiras,
Oliveiras, olivães,
Trago o coração mais negro
Que a azeitona que vós daes.

175

A azeitona caiu n'agua,
Embarcou, foi p'rò Brazil;
Quem por mim perdia o somno,
Agora pode dormir.

176

Não corteis a silva verde
Que é o enleio da janella;
E' a cascada do amor
Que sobe e desce por ella.

177

O' videira, dá-me um cacho;
O' cacho, dá-me um baguinho;
Meu amor dá-me um abraço,
Que eu te darei um beijinho.

178

Prometti-te uma castanha,
Se m'a der o castanheiro;
Eu prometti-te ser tua,
Se outro não vier primeiro.

179

Castanheiro tens castanhas,
Se as tens dá-me só uma,

Que è p'ra dar ao meu amor
Que inda não comeu nenhuma.

180

O' minha Maria Rosa,
Não se te dê de morrer;
De toda a gente me esqueço
Só tu não me has-de esquecer.

181

Caiu a torro do sino,
Matou o meu Joaquim;
Oh! que morte tão mofina!
Antes n'elle do que em mim.

182

Tenho uma pena no peito
Que d'ella hei-de morrer;
Que me diz o coração
Que não te torno a ver.

182 -A

Da minha janella rezo
A' Senhora das Candeias,
Que me traga os meus amores
Que andam por terras alheias.

183

Se soubesse o Padre Nosso,
Como sei cantar cantigas,
Andava sempre resando
Por alma das raparigas.

184

Se eu soubesse o Padre Nosso,
Como sei beber o vinho
Fazia-me já capellão
Da filha do meu visinho.

185

Se a oliveira fallasse,
Ella dissera o que via;
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encubria.

186

O A è a primeira letra
Que se põe no Abc;
Diga-me, ò minha menina,
Quantos morrem por você.

187

Não me atireis com pedrinhas
Que eu sou mesmo um penedo;
Eu sou filha de pedreiro
A's pedras não tenho medo.

188

Não me atireis com pedrinhas,
Que estou a lavar a louça;
Atirae-me com beijinhos
De modo que ninguem ouça.

189

Os figos d'aquella figueira,
Quem os comer morrerá
Quem fallar co'o meu amor
Pouco amor á vida dá.

190

Tendes olhos, compraes olhos
Andaes na compradoria,

Levae-me tambem os meus
Para a vossa companhia.

191

Troquei os meus olhos pretos.
Pelos teus acastanhados,
Agora fica-me o nome
Amor dos olhos trocados.

192

'Anda o ar ennevoado
Vão baixa a andorinha;
Amar-te eu em troca d'outra
Ai que pena que é a minha.

193

Que bonito lenço verde,
Todo aos ramos, aos ramos;
Mal empregado lencinho
Não o rompermos nós ambos.

194

Quem me dera agora ver
Quem me agora aqui lembrou;
O' meu amor da minh'alma,
Que tão longe de ti estoul

195

Andaes abaixo e acima,
Nem ataes, nem desataes;
Todos vão pilhando caça
Nos laços que vós armaes.

196

Trazeis o cabelo atado
Pelas costas, ao comprido;
N'esse nõ que vós lhe daes
Anda o meu amor mettido.

197

Trazeis o cabelo atado
Oiro debaixo da trança
Quem do oiro for rodilha,
Do amor fará mudança.

198

Tenho um amor em Valdigem,
Outro na villa de Sande,
Inda espero de ter outro
Na villa de Bretiande.

199

Tenho uma prima no Porto,
Móra no caes da Ribeira
Tem uma cara bem linda
Pena é ser regateira.

200

Andas vestida do preto,
E' a gula que deixa a morte;
A mim ninguem me morreu
Andarei de toda a sorte.

201

Esta noite sonhei eu,
Que me morreu minha mãe;
Acordei, pedi a Deus
Que me levasse tambem.

(Continúa)